Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Curso de Especialização em Gestão Escolar

Kelly Cristina Camargo Pulice

AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2015.

Kelly Cristina Camargo Pulice

AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Gestão Escolar, na modalidade a distância, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professor(a): Ivam Martins

PORTO ALEGRE
2015

RESUMO

O desenvolvimento de um Projeto de Intervenção (PI) é uma das propostas do Curso de Especialização em Gestão Escolar. O foco deste TCC foi discutir e analisar o assunto **"Tecnologias na escola"** a partir do Projeto de Intervenção (PI) e como elas têm influenciado no ambiente da sala de aula, relacionando com as questões da Gestão Democrática e ao PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola. As ações aqui analisadas representaram um ganho muito grande para a nossa escola, já que estamos todos muito distantes de saber como enfrentar este, que é um tema tão atual e recorrente; temos dedicado boa parte do nosso tempo tentando resolver situações criadas pelo uso (e por vezes, pelo mau uso) das tecnologias no ambiente escolar e mesmo fora dele. Muitas situações de conflito têm sido criadas a partir deste assunto: cultura da celebridade, banalização da sexualidade; cultura midiática; geração dos nativos digitais, criadores de imagem, enfim, são tantos temas que podem ser abordados a partir deste foco/problema

Constatou-se o despreparo dos professores e da própria Equipe Diretiva para discutir e encaminhar os problemas que vêm acontecendo, a partir do uso de tecnologias e redes sociais, que envolvem a vida da sala de aula e a vida fora dela. A partir destas ações, buscou-se atualizar e qualificar os objetivos e metas do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Palavras-chave: Gestão Democrática; Planejamento Participativo e Novas Tecnologias.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 5

2 BASE TEÓRICA OU REFERENCIAL TEÓRICO..... 7

3 BASE METODOLÓGICA OU METODOLOGIA..... 16

4 AÇÕES ANALISADAS.....21

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....27

REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso foi realizado em uma escola pública municipal, localizada no bairro Humaitá, no município de POA/RS. A escola em estudo localiza-se na divisa com o município de Canoas. O bairro abriga vilas de ocupação, onde as moradias são precárias, sem condições básicas de infraestrutura e a população aguarda reassentamento pela prefeitura há vários anos.

O perfil da comunidade atendida pela escola vem mudando muito nos últimos anos em função do grande desenvolvimento imobiliário do bairro, com a implantação de condomínios novos de classe média e com a chegada da ARENA do Grêmio. Assim, atendemos uma parcela da comunidade que mora nas vilas que compõe a grande Vila Farrapos e outra que mora no bairro Humaitá.

Nossos alunos e alunas, crianças, adolescentes, jovens e adultos convivem com essa diversidade e desigualdade social numa escola que acolhe as diferenças e luta por minimizar os reflexos destas disparidades.

O presente trabalho tem como objetivo atualizar e qualificar os objetivos e as metas do PPP (Plano Político-Pedagógico), promovendo espaços de estudo e interação, planejamento e atuação dos profissionais da escola dentro de um tema bem recorrente nos últimos tempos: as novas tecnologias na escola e como elas têm influenciado no ambiente da sala de aula.

Inicialmente, buscarei discorrer sobre os referenciais teóricos que foram a base da pesquisa, tais como Behar (2014), Moran (2003), Martino (2004), além de vários textos referentes à gestão democrática e ao planejamento participativo. Num segundo momento, aborda-se a metodologia utilizada para a

pesquisa-ação, baseada em Thiollent (2005) e Franco (2005), bem como é apresentada uma breve explanação sobre o Plano Político-Pedagógico (PPP) da escola e sua relação com as novas tecnologias. Para finalizar, apresenta-se uma análise de todo o contexto da pesquisa, bem como os resultados que se pôde apurar no que se refere ao uso das novas tecnologias na escola dentro da perspectiva de uma gestão democrática. Este é um tema tão atual e têm ocupado boa parte de nossas discussões e estudos com o grupo de professores, sobretudo considerando que estamos muito distantes de saber como enfrentar e lidar com as novas tecnologias. Esta etapa representa todo o processo de reflexão, onde se buscou mais estudo, reflexões e preparo para trabalhar com temas como: cultura midiática, cultura da celebridade, geração de nativos digitais, criadores de imagem, redes sociais, celulares, tablets, aplicativos, entre outros, bem como a busca do envolvimento de toda a comunidade escolar, principalmente a participação das famílias no cotidiano da escola.

Certamente, este trabalho, irá contribuir para o desenvolvimento de sujeitos mais críticos, participativos e autônomos, em todas as instâncias da comunidade escolar.

BASE TEÓRICA OU REFERENCIAL TEÓRICO

Nos dias atuais, as relações entre mídia e o trabalho pedagógico escolar precisam ser pensadas e discutidas, bem como os modos de existência contemporâneos em que as práticas cotidianas se transformam, particularmente no que se refere às nossas experiências com os saberes, às nossas formas de escrever, de falar, de pensar o mundo e a nós mesmos.

As “novas tecnologias”, o excesso de informações, a cultura da imagem, a velocidade das comunicações, as novas percepções de tempo, memória e história, a centralidade do corpo e da sexualidade na cultura, a superexposição midiática de corpos infantis e juvenis nos apontam a relevância de trazer os materiais midiáticos para o debate no interior das práticas pedagógicas da escola.

Os professores podem fazer a diferença quando conseguirem utilizar as tecnologias para se comunicarem com os alunos de forma significativa e transformar a escola num espaço criador, em uma comunidade virtual de aprendizagem.

A expressão “comunidade virtual de aprendizagem” tem sido muito usada para designar grupos, que por meio da interação *online,* desenvolvem aprendizagens. Mas, segundo CARVALHO (2008), trata-se de uma expressão ainda em discussão entre pesquisadores que atuam na inter-relação Educação e Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Em Beltrán Llera (2007), encontramos uma definição mais ampla de comunidades virtuais de aprendizagem: “organizações sociais criadas por pessoas que compartilham metas, valores e práticas sobre a experiência da aprendizagem”.

Ao realizar uma breve revisão bibliográfica sobre o conceito de comunidade virtual de aprendizagem, encontrei muitas definições e tipos de comunidades virtuais, entre os muitos aspectos em comum o que se sobressai é a ideia de que uma comunidade é a reunião de participantes em torno de um interesse comum, com laços estreitos entre as pessoas de

colaboração/cooperação, levando a desencadear um compromisso com o outro durante o processo de aprendizagem.

Após estas considerações, podemos dizer que:

> *"Comunidades virtuais de aprendizagem seriam grupos de pessoas que possuem estreitos laços de relacionamento, baseados na colaboração e/ou cooperação, contribuindo umas com as outras durante o processo de aprendizagem. Elas se distinguem das demais comunidades por sua intencionalidade educativa, onde encontramos a presença de um orientador, um planejamento inicial e o objetivo explícito da aprendizagem para o qual as intenções são voltadas."* (CARVALHO, Jaciara, 2008, p.8)

Na escola, o ideal é que possamos combinar as tecnologias presenciais e as virtuais.

Há diversos níveis de comunicação e informação que podemos estabelecer com os alunos: email, listas de discussão, fóruns, chats, biblioteca virtual, artigos, livros digitais, banco de imagens, links, blogs,...

As possibilidades são infinitas. E podem propiciar que nós, professores, ousemos criar, pensar e fazer de outro modo o presente que vivemos.

Com esta pesquisa, esperava ampliar as formas de estabelecer estas relações com a comunidade escolar. Sabemos que cada um tem uma realidade, uma caminhada e é necessário um trabalho de equipe, de coletivo, em que cada ação precisa ser pensada e organizada em forma de "rede" para alcançarmos os objetivos traçados.

Tendo como base os princípios de uma escola pública pautada pela gestão democrática, onde é fundamental a existência de espaços propícios para que novas relações sociais entre os diversos segmentos escolares aconteçam, a oportunidade de lidar com ferramentas tecnológicas favorece esse trabalho coletivo, bem como a transparência da gestão da escola.

Conforme GANDIN (2014), o uso de tecnologias da informação e comunicação (TIC) adequadas à gestão escolar e à comunicação em rede dos profissionais da escola, podem favorecer à qualificação do currículo da escola

e, consequentemente, contribuir para uma aprendizagem efetiva dos alunos, de modo a incidir, progressivamente, na melhoria do desempenho escolar.

Quando pensamos em gestão democrática, necessariamente, temos que pensar que estas práticas se dão a partir do diálogo. O DIÁLOGO como elemento central do processo pedagógico.

E não podemos falar em diálogo, em diferentes vozes, em participação, na perspectiva das diferenças, da dialogicidade, sem mencionar Paulo Freire (1987) que nos propõe uma educação que ensina e que aprende ao mesmo tempo, em que o educador é ao mesmo tempo educando e que o educando é, ao mesmo tempo, educador.

Nessa perspectiva, as novas tecnologias aliadas a uma gestão democrática nos levam a uma participação em rede, onde as diferenças possam ser vistas e valorizadas como contribuições múltiplas para as discussões e produção coletiva do processo pedagógico.

> “ Conceber a participação, permitindo que as vozes que outrora silenciadas possam ecoar na escola, tem contribuído para a criação de um espaço mais democrático na escola, que permitem articulações, negociações, embates, debates, diálogos” (GANDIN, 2014, p.120).

Para tanto, não basta democratizarmos a gestão da escola. Precisamos que todas as nossas práticas pedagógicas estejam em consonância com as perspectivas de uma gestão democrática: autonomia, democracia, participação e diálogo coletivo.

Assim, os professores também podem fazer a diferença quando conseguirem utilizar as tecnologias para se comunicarem com os alunos de forma significativa e transformar a escola num espaço criador, em uma comunidade de aprendizagem.

Moran (2003) relembra o conceito de tecnologias, que são os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que os alunos aprendam. A forma de organizá-los em grupos, o giz que escreve no quadro, a organização da fala, a forma de olhar, de gesticular, o livro, a revista, o jornal. Tudo isso são tecnologias importantes e ainda mal utilizadas na escola, de forma geral.

Uma tecnologia é reconhecida pelo conjunto de ferramentas e técnicas desenvolvidas para emprega-las. Quadro-negro, giz, lápis, livro, tv, computador, celular, são exemplos de tecnologias que o professor pode utilizar em sala de aula (BEHAR, 2014).

Quando falamos em tecnologias na escola, pensamos imediatamente em computadores, softwares e internet. Sem dúvida são as mais visíveis e que influenciam profundamente os rumos da educação.

As tecnologias e recursos tecnológicos são os meios, os apoios, as ferramentas que podemos utilizar para criar e consolidar o trabalho coletivo, a transparência da gestão da escola, consolidando políticas mais condizentes com uma gestão democrática e uma educação inclusiva.

Pesquisas no mundo inteiro têm mostrado que os recursos digitais estão reformulando a gestão e as práticas pedagógicas, contemplando as reais

necessidades da sociedade e presentes no processo de ensino e aprendizagem (BEHAR, 2014).

Apesar dessas transformações culturais e sociais, as escolas ainda estão muito distantes de usarem as tecnologias em seu favor. Muitos alunos usam tecnologias mais avançadas daquelas disponibilizadas na escola. Em contrapartida, percebe-se que os professores não estão preparados e não são estimulados para utilizar as tecnologias em sala de aula. Aqueles que utilizam, o fazem por curiosidade, muitas vezes impulsionados pelos desafios que os alunos provocam.

Para que haja mudanças de paradigma na escola, segundo BEHAR (2014), é fundamental que a gestão escolar apoie e propicie tempo aos professores para a experimentação dos diversos recursos tecnológicos com o intuito de utilizá-los com qualidade em sala de aula.

Sabemos que só incentivo por parte dos gestores não basta. É preciso que haja recursos e investimentos em Laboratórios de Informática, com equipamentos e softwares atualizados e, principalmente, que haja menos resistência por parte dos professores quando o assunto são as novas tecnologias.

É importante salientar, também, que para a juventude de hoje, as tecnologias deixaram de ser apenas instrumentos de informação e comunicação. Elas interferem no modo de pensar, sentir, agir, de se relacionar socialmente e adquirir conhecimento. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade (KENSKI, 2008).

Por isso a necessidade dos professores dominarem as tecnologias, para que possam interagir e compreender os jovens que hoje frequentam as salas de aula.

No âmbito da escola, essas definições precisam estar presentes entre alunos, professores e equipe gestora e administrativa de modo a assegurar a qualidade da educação.

> *“ Referimo-nos às tecnologias e suas linguagens como fontes de humanização e de democratização de todas as formas de ensino (...) fazendo com que refletir sobre Educação frente às tecnologias torne-se algo complexo em sua mais ampla dimensão”*
> *(FRANÇA, 2008, p 63).*

Há muitas ferramentas digitais disponíveis para o uso na escola e em sala de aula. Cabe ao professor analisar, avaliar e utilizá-las de forma responsável, criativa e inovadora, buscando adequá-las às práticas pedagógicas.

Para os alunos, elas possibilitam autonomia, a partir do momento em que ele pode escolher, combinar, interagir e colaborar na produção do material a ser estudado. A partir de todas essas possibilidades, não há mais sentido uma aprendizagem centrada no professor. Podemos partir para uma aprendizagem colaborativa, proativa e criativa. Essas novas relações de construção de conhecimento envolvem muitos aspectos que vão além do cognitivo e do tempo/espaço.

Conforme BEHAR (2014), a inserção da tecnologia no trabalho docente é um processo marcado por muitas dificuldades e medos. Mostra-se um processo lento tanto quanto à familiarização e quanto em relação ao uso efetivo de ferramentas em sala de aula.

Nesse contexto, entender a instituição escola pressupõe compreendê-la e colocá-la em relação aos novos paradigmas acerca do conhecimento. A introdução das tecnologias vem questionar a concepção predominante de escola como lugar do saber. Assim, a escola como ambiente de aprendizagem entra em crise e, de certa forma, o desafio está em entender que a construção do conhecimento não mais se dá apenas dentro dos espaços escolares.

Pensar a gestão da escola, conforme MARTINO(2004), nos remete a um debate sobre a articulação da escola com o mundo, com a vida. A organização desse espaço implica a criação de lugares e tempos que incentivem as trocas de experiências entre os professores e entre professores e alunos.

Nessa visão mais ampla do trabalho escolar, há que se destacar a importância do papel do gestor e do coordenador pedagógico para criar e sustentar esses espaços de reflexão, investigação, transformação e tomadas de decisões indispensáveis ao gerenciamento das atividades administrativas e pedagógicas.

Entretanto políticas públicas já contemplam essa preocupação, a partir da indicação de ações para capacitar gestores e professores.

A partir deste P.I. pude refletir e realizar leituras sobre algo que já acontece na prática e que não me dava conta: as novas tecnologias e o computador já estão difundidos e presentes no dia-a-dia das escolas, nas tarefas administrativas.

Há um esforço grande por parte da mantenedora (no nosso caso, Secretaria Municipal de Educação – SMED, de Porto Alegre) para que todas as informações, movimentações, registros da vida escolar dos alunos e da vida funcional dos professores estejam disponíveis no ambiente virtual, num sistema de informações que integra todas as escolas e a Secretaria de Educação – o SIE (Sistema de Informações Educacionais).

O SIE, hoje presente no nosso fazer cotidiano administrativo, organiza nossos registros e facilita o acesso às informações necessárias no que diz respeito ao cadastro dos alunos e de sua família, o cadastro dos professores e a vida funcional dos mesmos, a frequência escolar dos alunos e o acompanhamento de suas inserções nos programas de governo (Bolsa Família, Vou à Escola, por exemplo, que estão ligados diretamente à frequência escolar dos alunos), o número de alunos por turma e as vagas disponíveis na escola, o histórico escolar e a vida escolar do aluno. O SIE (Sistema de Informações Educacionais) tem o objetivo de integrar todas as informações que dizem respeito à escola.

Há uma outra área importante do ponto de vista administrativo e que também está implementada no SIE: são as informações que dizem respeito a organização financeira da escola. Planejamento das verbas e dos gastos, cadastros dos fornecedores e prestadores de serviços, liberação das verbas e previsão de gastos, bem como a prestação de contas dos recursos aplicados na escola.

Encontramo-nos neste momento, no começo da integração das esferas administrativa e pedagógica, no que se refere às tecnologias.

Conforme MORAN (2003), o administrativo deve estar à serviço do pedagógico e ambos têm de estar integrados, de forma que as informações circulem facilmente e que possam aumentar a qualidade do trabalho pedagógico para a comunidade escolar e para o público em geral.

No entanto, torna-se evidente que não basta preparar a escola em suas tarefas administrativas para as novas tecnologias.

> *"É necessário que se atente para o significado desse trabalho administrativo, como meio para a realização dos objetivos educacionais de natureza pedagógica, razão última da existência da escola."* (MARTINO, 2004, p.4)

Compreender as tarefas administrativas e as demandas educacionais a partir das exigências pedagógicas é condição fundamental para que se realize as mudanças necessárias na direção do uso das tecnologias, permitindo à comunidade uma participação mais efetiva, num processo permanente de aproximação entre o mundo da escola e o universo que a cerca.

Cada escola tem suas características e grupos peculiares, o que certamente interfere no processo de gestão com as novas tecnologias. O importante é que, considerando todas essas nuances, o gestor e a equipe pedagógica busquem adaptar o projeto de implantação das tecnologias a sua realidade, lembrando que a integração das áreas administrativa e pedagógica se faz de forma muito mais ampla com as informações conectadas em redes.

Nos encontramos, neste momento, no começo da integração entre o administrativo e o pedagógico. E é bom que estejam integrados para que as informações circulem e se complementem para facilitar o trabalho de ambos, com as devidas restrições que cabem a cada um.

Há também um grande investimento por parte de escolas em páginas na Internet, com o objetivo de atingir a comunidade escolar e ao público em geral. Um espaço de divulgação e comunicação da escola com a sociedade.

Contudo, fica evidente que cabe ao gestor levantar a questão da introdução, da incorporação e do uso das tecnologias na escola e promover uma análise crítica sobre elas. É possível provocar uma discussão aprofundada e a tomada de consciência sobre a capacitação docente, a organização e a gestão da instituição mediante o uso das tecnologias nos diferentes tipos de atividades na escola, a fim de divulgá-la e envolver a comunidade escolar.

BASE METODOLÓGICA OU METODOLOGIA

CAMINHOS DA PESQUISA

O presente estudo é de natureza qualitativa, tendo a pesquisa-ação como metodologia, que propõe um novo olhar da pesquisa, onde pesquisadora e comunidade escolar interagem na busca da transformação da realidade.

Para que seja pesquisa-ação, segundo FRANCO (2005), é preciso que ela aconteça dentro do grupo social que está sendo estudado. O pesquisador deve extrair do grupo aquilo que acontece, explícita e implicitamente. (...) O próprio grupo precisa demandar ações e estratégias nesse processo, gerando uma reflexão-ação, dentro dos pressupostos de uma pesquisa-ação crítica.

Ainda sobre pesquisa-ação, Thiollent contribui, dizendo que

> "É um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo"(THIOLLENT, 2005, p.16)

Esta abordagem é importante para este estudo, pois, considerando que as novas tecnologias perpassam todos os âmbitos da escola e fora dela e que, como gestora, preciso resolver muitas situações de conflito que têm sido criadas a partir do uso e do mau uso de celulares, tablets, redes sociais, é impossível fechar os olhos para um tema cada vez mais recorrente, que diz respeito a toda a comunidade escolar – professores, alunos, pais, funcionários e comunidade local.

Interessa-me aqui o uso dessa forma de pesquisa participativa, pois sujeitos pesquisados e pesquisadora irão produzir novos conhecimentos de forma coletiva, num processo de ação-reflexão, de uma pesquisa que nasceu do grupo, foi construída com o grupo e desenvolvida por esse grupo, dentro dos pressupostos de uma pesquisa-ação crítica, para que juntos possam

transformar, modificar, construir um novo caminho a ser trilhado, onde a única certeza é a de que estamos no caminho certo, da busca, do novo, da inquietude, da participação, da cidadania, da gestão democrática.

Portanto, ao falar (e fazer) de pesquisa-ação, falamos de uma pesquisa-investigação que caminha na direção da transformação de uma realidade, implicada diretamente na participação dos sujeitos que estão envolvidos no processo.

Conforme FRANCO (2005), cabe ao pesquisador assumir os dois papéis, de pesquisador e de participante, e ainda sinalizar na direção da mudança de percepção e de comportamento dos sujeitos envolvidos.

Assim, considerando esta proposta de pesquisa-ação estamos pressupondo uma pesquisa de transformação, participativa, caminhando para processos formativos.

Para Thiollent (2005), a pesquisa-ação caracteriza-se pela sua ação prática. Ao propor as discussões sobre o uso das novas tecnologias no ambiente escolar, passei a integrar o processo como pesquisadora/participante, capaz de, com minha ação, interferir na realidade da escola, criando possibilidades de discussão em diferentes grupos. E com a adesão dos diferentes segmentos da comunidade escolar, o tema da pesquisa deixou de ser um assunto da Equipe Diretiva da escola para se constituir em um objeto de construção coletiva.

Partindo desta premissa e com o foco de trabalho definido, fomos buscar relacionar a nossa pesquisa com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola no que se refere à questão do uso das tecnologias.

Considerando que as tecnologias e sua aplicação perpassam por diferentes instâncias e que o PPP cumpre a função de dar um rumo, uma direção à instituição, destacando o caráter político e pedagógico do documento, percebeu-se que havia uma distância muito grande entre a realidade da escola e suas práticas pedagógicas e o que estava previsto no PPP.

Segundo VEIGA (1996), o projeto político-pedagógico da escola é sempre uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico (PPP) da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sóciopolítico com os interesses reais e coletivos.

O PPP é compromisso político, no sentido da formação do cidadão para um tipo de sociedade. Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Ele é compromisso pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade.

Nesse sentido, o objetivo principal deste documento não está ligado ás questões legais ou aos aspectos de cumprimento de legislação, mas, sim, à qualidade que se imprimirá nas ações educativas daquela comunidade escolar, baseando-se pelos preceitos deste documento, elaborado pelos sujeitos ali envolvidos.

No entanto, destacamos a seguir algumas passagens encontradas no PPP (Projeto Político-Pedagógico), no que tange às questões das tecnologias:

> " (...) Quanto à tecnologia, constata-se o seu avanço e o quanto ela tem possibilitado ao homem alcançar espaços em inúmeras áreas do conhecimento. O grande avanço tecnológico e científico permite o acesso ao conhecimento de forma mais rápida, globalizada e interativa, o que traz benefícios a um grande número de pessoas. Mas grande parte da sociedade ainda não tem acesso a esses avanços."

> "(...) Projeto de Inclusão Digital – a ideia desse projeto é colocar o espaço informatizado a serviço da qualificação de todos os processos de aprendizagem, compreendendo-o como lócus de ampliação das possibilidades criativas e criadoras, individuais e coletivas de estudantes e professores. Ao conciliar conhecimento pedagógico e domínio do ambiente informatizado, potencializa-se o uso das ferramentas tecnológicas disponíveis na criação de jogos e estratégias de ensino-aprendizagem a partir das necessidades educativas dos alunos. "

> "(...) Quanto à organização dos ambientes, o espaço da Informática Educativa constitui-se como meio e apoio à aprendizagem nas diferentes áreas do conhecimento. Objetiva a ampliação do processo de letramento, seja através da apropriação da linguagem

> virtual, do acesso à pesquisa ou do domínio do hipertexto e outros modos de escrita. ”

A partir destes destaques, podemos perceber que a questão das tecnologias, no Projeto Político-Pedagógico da escola, está muito ligada ao Projeto de Informática e do Laboratório de Informática, o que se distancia da ideia que vimos desenvolvendo, de que as tecnologias devem ser ferramentas utilizadas em larga escala para enriquecer, qualificar e potencializar o processo de aprendizagens e transformação da realidade, em diferentes espaços, ultrapassando o limite tempo/espaço da escola.

Podemos referendar essa ideia, com base no documento Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica que afirma que as tecnologias da informação e da comunicação constituem parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, passando por computadores e *tablets*, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens.

Como qualquer ferramenta, as tecnologias devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais, desenvolvidas de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013), o conhecimento científico nos tempos atuais exige da escola uma ampliação do domínio das tecnologias: uma das condições para o exercício da cidadania. Não se pode ignorar que se vive o avanço da tecnologia na energia nuclear, na nanotecnologia, nos alimentos modificados tecnologicamente, na clonagem biológica.

Nesse contexto, tanto os docentes quanto os gestores necessitam estar preparados para trabalhar numa escola em que a cultura das tecnologias esteja presente no cotidiano escolar, desde o início da Educação Básica.

> “ Assim, exige-se do professor mais do que um conjunto de habilidades cognitivas, sobretudo se ainda for considerada a lógica própria do mundo digital e das mídias em geral, o que pressupõe aprender a lidar com os nativos digitais. Além disso, lhe é exigida, como pré-requisito, a capacidade de trabalhar cooperativamente em equipe, compreender, interpretar e aplicar a linguagem e os instrumentos da evolução tecnológica. ”(DCNEB, 2013, p. 59)

Ainda é relevante destacar que com essas questões suscitadas do PPP, somando-se a isso as exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais, pode-se dizer que as discussões e debates sobre o uso das novas tecnologias, levando em consideração as concepções de todos os envolvidos no processo, nos levou a avanços significativos que desencadearão numa revisão e atualização de nosso PPP (Projeto Político-Pedagógico).

AÇÕES ANALISADAS

Partindo-se dessa premissa, optou-se por colher dados, falas e posicionamentos de pais, alunos, professores, verificando as concepções sobre o tema “novas tecnologias na escola”, de todos os envolvidos no processo.

Com os professores, utilizou-se a leitura de um fragmento do texto “Mídia, máquina de imagens e práticas pedagógicas”- Três cenas - da autora Rosa Maria Bueno Fischer. Com essa dinâmica, foi possível obter informações e subsídios das concepções e crenças, bem como verificar o despreparo e desconhecimento por parte de alguns professores em como utilizar as tecnologias a favor da prática pedagógica. Organizamos, então, um Guia Pedagógico e também um cronograma de estudo, nas formações previstas no calendário da escola.

Para os pais, foi utilizado este mesmo texto “Mídia, máquina de imagens e práticas pedagógicas”- Três cenas - da autora Rosa Maria Bueno Fischer, porém a dinâmica foi diferenciada: organizamos uma apresentação em *power-point* para ser exibida no primeiro sábado letivo do ano, a Assembleia da Comunidade, onde discutimos assuntos como regras de convivência, calendário escolar, organização pedagógica do ano letivo. Nesta assembleia, os pais puderam expor suas visões acerca do assunto, bem como suas dúvidas e inseguranças com relação ao uso das novas tecnologias; houve também espaço para que pudessem colocar sugestões e/ou comentários.

No que se refere ao grupo de alunos, optou-se por iniciar a discussão com um grupo menor, os representantes de turma. A abordagem foi a leitura da cena 3, do texto “ Mídia, máquina de imagens e práticas pedagógicas”- Três cenas - da autora Rosa Maria Bueno Fischer, que trata do caso de uma aluna de uma escola pública municipal da periferia de Porto Alegre. Após a leitura, os alunos puderam relacionar a situação relatada com os diversos casos que tivemos na escola e outros exemplos próximos a eles. Conseguiram perceber que este é um assunto que diz respeito a todos nós e faz parte do nosso dia-a-dia. Com os alunos, o prosseguimento do estudo se deu nas reuniões que

fizeram com colegas de classe, discutindo esse assunto – estes alunos representantes de turma fizeram o papel de multiplicadores do trabalho.

Conforme o exposto, foram realizadas reuniões com professores, onde discutimos e registramos as questões e reflexões sobre as novas tecnologias e seu uso na escola, a partir de leituras e estudos. Estes encontros são reuniões de formação, que já fazem parte do calendário escolar.

Com os pais, o prosseguimento se deu na entrega de avaliações, data que também já é prevista no calendário. Neste momento pretendeu-se obter um registro escrito sobre o tema, a partir de uma questão envolvendo reflexão sobre o uso das novas tecnologias.

O que foi bastante destacado em todos os grupos é que o uso da tecnologia na escola permite que extrapolemos as interações dos espaços tradicionais de aprendizagem e comunicação. Esse panorama impõe à escola e seus profissionais a necessidade de que todos aprendam a pensar e agir diante do novo cenário tecnológico.

Outro aspecto também abordado foi que o fato de a escola dispor de recursos tecnológicos (Laboratório de Informática, computadores, aparelhos multimídias) não garante que esteja trabalhando dentro das perspectivas de uma inclusão digital.

Em outras palavras, a cultura digital não é determinada pela presença do computador na escola, mas por ações abrangentes que começam pelo acesso às tecnologias digitais e ao conhecimento, passa pela formação de extensas redes interativas de comunicação e é complementada pelas experiências e aprendizagens das novas gerações.

A partir das discussões, principalmente com o público adulto, concluiu-se que o grau de mudança a que as últimas gerações se submeteram pode se comparar com o de espécies em mutação – a criança nascida numa cultura mediada pela televisão e pelo computador interage com seu mundo de maneira tão dramaticamente diferente da de seu avô quanto a primeira criatura dotada de visão com relação ao seu ancestral cego (RUSHKOFF, 1999, p. 9).

Partindo dessa ideia, nós, adultos, precisamos nos adaptar mais que a qualquer mudança em particular ao fato de que a sociedade está mudando com muita rapidez. Temos que aprender a aceitar a mudança, como uma

constante a partir de agora. Conforme RUSHKOFF (1999), inovação é o novo status quo.

Para os pais envolvidos na atividade, a partir de seus relatos e registros escritos, há um abismo muito grande nesta relação pais-filhos, no que se refere ao uso das novas tecnologias. Os pais se sentem como analfabetos digitais, em sua grande maioria, e têm muita dificuldade em acompanhar as ações dos filhos nas redes sociais. Corroboram para isso, a falta de tempo de acompanhar as atividades diárias dos filhos por conta das responsabilidades com o trabalho e a vergonha de dizer aos filhos que não sabem circular pelo mundo digital e das redes sociais.

Nesses nossos encontros, discutiu-se a importância dessa aproximação dos pais e dos filhos e que é necessário romper com essa barreira da vergonha. Concluíram, então, que quem estiver em busca de atualização e adaptação ao próximo milênio só precisa se aproximar de seus filhos para encontrar as respostas e as aprendizagens necessárias para a nova cultura.

> “ Nossos filhos são mais jovens, mas também são mais novos. São o último modelo do ser humano e vêm equipados com muitas características novas. Olhar o mundo das crianças não é rever o nosso próprio passado – é olhar para frente. Os meninos são o futuro evolutivo.” (RUSHKOFF, 1999, p.8)

Para nós, os professores, a partir das discussões e estudos, entendemos que, mesmo em sua forma mais complexa, a tecnologia não substitui as práticas de ensino, ao contrário, ela enriquece e abre novas possibilidades para o aluno construir seu próprio conhecimento com autonomia. Tampouco substitui o papel do professor, que, metaforicamente, seria o técnico do time, estimulando interações e tomadas de consciência, solicitando atitudes, instigando novos hábitos e desafios, mas respeitando os protagonistas do time – os alunos. Dessa forma, os meios tecnológicos, principalmente os digitais, servem como instrumentos e os alunos devem se apoderar desses meios, ao invés de serem apenas levados por eles.

Nós, educadores, podemos escolher continuar avançando lentamente ou abraçar a inovação para redesenhar e ressignificar nosso papel, levando

nossos alunos a compreender a importância social da escola. O uso das novas tecnologias, com responsabilidade e objetividade, é uma das melhores estratégias atuais para que os nossos alunos voltem a se apaixonar pelas aulas e pela escola, pois a escola é uma grande “rede social”, reconhecida como um lugar de encontros e trocas de experiências.

O encontro com o outro é fundamental para a construção do conhecimento. E a escola, reconhecida como um lugar de encontros, pode se beneficiar do poder das mídias sociais para reforçar os laços interpessoais que a constroem e a mantêm viva.

Nas conversas e reuniões com os alunos, confirmou-se a hipótese inicial: eles vivem *on line*. Ao mesmo tempo em que assistem TV, leem um livro ou assistem às aulas.

Celular é a palavra de ordem. Ou melhor de identificação. Quando questionados sobre o que melhor os representa, a grande maioria elegeu o celular.

Segundo o relato dos adolescentes, eles dizem que já nasceram com um celular na mão e que seus dias se resumem em estar no celular, no computador e na escola. E, mesmo estando na escola, também usam o celular. Com risos e um pouco de vergonha, confessaram que muitos mexem no celular e usam as redes sociais durante as aulas.

Para eles, estar conectado é essencial, pois precisam “estar por dentro” dos acontecimentos do mundo, da vila, da escola. A popularidade é medida pelos “*likes*” que recebem no Facebook, tempo livre significa imergir nas redes sociais e, para começar a namorar, vale até pedidos pelo WhatsApp.

Mesmo dentro de casa, eles estão socializados o tempo todo e não sentem tanta necessidade da presença física dos amigos, pois estão conectados virtualmente e as conversas e compartilhamento de informações não param nem quando estão realizando outras atividades.

A partir destes depoimentos, fica evidente que esta geração de alunos, acostumada a viver no mundo digital, não encontra na escola tradicional um elemento motivador, capaz de instigar e despertar a sua curiosidade tanto quanto a *internet.*

Porém, é importante destacar, que todos, sem exceção, consideram a escola como muito importante na sua vida.

Eis aí o desafio: como conciliar esse interesse dos alunos pelo mundo digital e essa importância que eles atribuem à escola.

Para concluir, os alunos relatam que não basta dar aulas no computador ou no Laboratório de Informática.

Para eles, não basta pensar em ferramentas digitais, é preciso uma transformação da forma de pensar e de organizar as aulas e os conteúdos. As novas tecnologias devem mudar o modo como as aulas acontecem.

Todas essas conversas e proposições, tanto dos pais quanto dos alunos, foram levadas ao grupo de professores.

O trabalho desenvolvido com a corpo docente da escola, a partir desta pesquisa, propiciou uma reflexão de cunho pedagógico sobre a educação na atualidade.

Por meio desta intervenção na realidade da escola, entendemos que este foi apenas o primeiro passo e representa um enorme desafio a ser enfrentado por todos nós, já que estamos comprometidos com uma educação pública de qualidade.

Uma simples crítica acerca deste tema não nos basta. Torna-se necessária a reflexão, a criatividade e a proposição de ações por parte da direção da escola, da equipe diretiva e do grupo de professores, viabilizando aos estudantes e suas famílias as possibilidades de acesso, contato, aprendizagens e domínio das tecnologias.

Dentre as ações propostas para o grupo de professores podemos destacar o desejo bastante grande por capacitação: eles mesmos percebem que a aula não está mais interessante.

Com isso, a ideia é que aquele estereótipo de professor que tem insegurança e medo de usar a tecnologia frente aos alunos da geração digital vá desaparecendo, dando espaço a um professor mais conectado, mais informado, mais capacitado para lidar com as tecnologias numa perspectiva pedagógica.

Saliento que para trabalhar com este tema das novas tecnologias, tive a necessidade de buscar suporte em autores que discorrem sobre Gestão Democrática, Planejamento Participativo e Novas Tecnologias, uma vez que pensar a escola na perspectiva do Curso de Especialização em Gestão Escolar, oferecido pela parceria MEC/UFRGS necessariamente envolve discutir

questões relacionadas à Gestão Democrática da Educação e ao Planejamento da escola como um todo, dentro dos princípios da democracia, autonomia, participação e diálogo coletivo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tecnologia são ferramentas e técnicas desenvolvidas para criar e consolidar a aprendizagem. Quadro-negro, giz, lápis, livro, tv, computador são ferramentas que o professor pode utilizar em sala de aula.

Essa ideia foi muito importante ser difundida entre professores e alunos, para que pudéssemos perceber que trabalhamos com tecnologias desde muito tempo e para desmistificar o uso das “novas tecnologias” na escola.

Com esta pesquisa pudemos tratar deste tema em reuniões entre professores e trocar ideias sobre o uso do celular na sala de aula, percebendo que há um lado positivo do uso.

Na era digital, é importante o desenvolvimento e o aprimoramento de determinadas competências que possibilitem o domínio tecnológico e na escola, essas competências devem estar presentes no corpo discente, docente, administrativo e comunidade escolar para que possamos assegurar maior qualidade nas nossas relações.

Em diferentes momentos, pudemos promover a vivência de situações que possibilitaram o “ pensar sobre o uso das novas tecnologias”, através de discussões por vezes com ânimos alterados.

Assim como percebi muitos avanços e pontos positivos, percebi também que estamos muito distantes de poder utilizar as novas tecnologias de modo a atingir toda a comunidade escolar. Falta de recursos financeiros para equipar laboratórios de informática, bem como outros setores da escola, a distância entre as gerações (alunos e professores, pais e filhos) e a situação econômica precária de pais, aliada à pouca instrução de muitos faz com que a escola permaneça muito distante de uma inclusão digital.

O que ficou bastante claro para mim, nesta pesquisa, foi que cabe ao gestor levantar a questão do uso das novas tecnologias na escola e dele

também é a responsabilidade sobre a capacitação docente, a organização e a gestão da instituição para que o uso das tecnologias possa ser incorporada no dia-a-dia da escola e nas diferentes atividades pedagógicas e administrativas.

No entanto, esta pesquisa foi um diferencial e também abriu caminhos para uma educação mais democrática, pois diferentes segmentos tiveram a oportunidade de participar, expor suas ideias e, principalmente, todos foram ouvidos e tiveram suas opiniões consideradas durante este processo.

Ao finalizar esta pesquisa-ação, cabe ressaltar que a mudança buscada, embora difícil, é possível. Nem todos os propósitos lançados no início da pesquisa foram alcançados, porém foi importante instaurar o debate sobre esse tema que causa muita inquietação em todos os envolvidos no processo educativo. Um assunto que gera medo, insegurança, dúvidas devido ao seu caráter de novidade; pouco se sabe sobre as novas tecnologias e suas aplicações na escola.

A partir deste estudo, a escola iniciou uma nova caminhada, com maior participação e envolvimento dos alunos, que se interessaram pelo trabalho. Com isso, os professores foram instigados a rever suas posturas, suas crenças e convicções, buscando um planejamento mais aberto e participativo, contando com as sugestões dos alunos, redimensionando, assim, o trabalho pedagógico.

Quanto aos pais, estiveram mais presentes e mais atentos com relação às redes sociais que seus filhos participam. Compreenderam, também, a importância de manter contato com a escola e trocar ideias e informações com e sobre seus filhos e que estas atitudes podem resultar em maior cuidado e atenção com seus filhos e com aqueles com os quais eles (os filhos) se relacionam virtualmente.

Ainda são poucas e incipientes as tentativas do uso das tecnologias no planejamento das aulas; muitos são os desafios para a efetivação de um trabalho que atinja realmente a todos.

Pensando na caminhada percorrida até aqui, foram possíveis vários momentos de reflexão e estudo, na busca de um trabalho de maior qualidade. Houve avanços, principalmente no que se refere a um novo olhar dos professores e uma nova postura em sala de aula com relação ao uso dos celulares pelos alunos, percebendo que não é mais possível pensar o mundo

sem o uso das tecnologias e que devemos pensar a juventude, não só como é construída, mas também na forma como ela é vivida.

Vimos que uma nova postura está sendo delineada, mas, certamente, ainda há muito trabalho a ser desenvolvido.

Desta forma, não devemos perder de vista que todas essas reflexões que foram expostas aqui, tratam de processos educativos relacionados não às meras tecnologias que se atualizam com o tempo, mas à dimensão humana que se sobressai a esse tempo/espaço.

REFERÊNCIAS

BEHAR, P. A. et al. Tecnologias digitais e os espaços educacionais: um foco a partir da formação de professores. In: SILVA, M.B. (org). Formação a Distância para Gestores da Educação Básica: olhares sobre uma experiência no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

BELTRÁN LLERA, J. Sociedade em rede e comunidades virtuais. III Congresso Ibero-Americano EducaRede: Educação, Internet e Oportunidades, São Paulo, 2007, p.55-60, 2007. Disponível em: http://projetos.educarede.info/iiicongresso/iiicongresso_livro.pdf

CARVALHO, J. de S. Comunidades Virtuais de Aprendizagem: em busca de uma caracterização. EducaRede, São Paulo, 2008.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

FISCHER, R. M. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. Rev. Bras. Educ., vol12, n.35, RJ, mai/ago 2007.

FRANÇA, G. Os ambientes de aprendizagem na época da hipermídia e da educação a distância. Perspectivas em Ciência da Informação, São Paulo, v. 14, n 1, p. 55-65, jan/abr 2008.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa-Ação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n 3, p 483-502, set/dez 2005.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GANDIN, A. e GANDIN, D. Gestão Democrática e planejamento participativo: reflexões sobre uma prática de sala de aula EAD. In: SILVA, M.B. (org). Formação a Distância para Gestores da Educação Básica: olhares sobre uma experiência no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

KENSKI, V.M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 6ed. Campinas: Papirus, 2008.

MARTINO, M. A. Desafios para a gestão escolar com o uso de novas tecnologias. São Paulo, PUC- SP, 2004.

MORAN, J. Gestão inovadora da escola com tecnologias. In: VIEIRA, A. (org). Gestão Educacional e Tecnologia. São Paulo, Avercamp, 2003. P. 151-164.

RUSHKOFF, Douglas. Um jogo chamado futuro: como a cultura dos garotos pode nos ensinar a sobreviver na era do caos. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 14ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VEIGA, I. P.A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, I.P.A. (org). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1996.